

# EL VALOR DE LA ILUSIÓN Y LA HUELLA DE LA ESPERANZA

O VALOR DA ILUSÃO  
E O RASTRO DA ESPERANÇA

THE VALUE OF ILLUSION  
AND THE FOOTPRINT OF HOPE

Liz Coronel  
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica  
Correo electrónico: lizcorone.ll@gmail.com  
ORCID: 0009-0004-0020-9151

Fecha de recepción: 14-03-2025  
Fecha de aceptación: 26-04-2025

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Coronel L. (2025) EL VALOR DE LA ILUSIÓN Y LA HUELLA DE LA ESPERANZA  
Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.4  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# O VALOR DA ILUSÃO E O RASTRO DA ESPERANÇA

Apresentado no Simpósio Clínico FLAPPSIP 2024

Liz Coronel<sup>1</sup>

1 Analista e membro aderente da Associação Psicanalítica Argentina, Doutoranda em psicologia na Universidad del Salvador, professora de psicopatologia no Instituto Psicanalítico Interdisciplinar, autora de vários artigos sobre psicanálise e racismo, como Racismo, desobjetificação e resíduos coloniais da pulsão de morte . Em Intercambio Psicoanalítico 14 (2), 2023, pp. 149 – 152.

*“Aquele que não imagina é como aquele que não transpira; ele acumula veneno”*

*Truman Capote, citado por Stefanoni e López (2009).*

*Em: Fantasia: Vamos abrir o mar. Um livro de citações, (p. 16)*

*“...quando se trata do ser humano, a vida depende do amor”*  
*(Green, 2014, p.299)*

*“...diante do medo a melhor solução é a ternura”*  
*(Benyakar, 2016, p.369)*

Em O mal-estar na cultura (1930/1992), Freud afirma que há três fontes de sofrimento que são inevitáveis para o ser humano, a fragilidade do próprio corpo, as investidas da natureza e as relações com os outros. É fácil apontar situações relacionadas a cada uma dessas causalidades, Em princípio, a pandemia nos colocou diante de uma ameaça invisível e de uma ordem social improvável, morte, quarentena, desemprego e desolação por quase dois anos. Quanto à natureza, além dos desastres naturais, já estamos sentindo os efeitos da mudança climática, e várias cidades estão ficando sem água. Por fim, talvez o que mais nos cause sofrimento, as relações entre nós, humanos, as relações de proximidade, mas também dinâmicas sociais: guerras, terrorismo, discursos de ódio, exclusão, discriminação, perseguições, corrupção, delinquência, crimes cibernéticos, Qual é o impacto de todo esse caos e confusão em nós? Como podemos lidar com isso de modo a não sermos esmagados pelo peso de uma realidade hiperpoderosa? Até que ponto podemos manter a capacidade de sonhar com um mundo diferente e uma vida melhor - e torná-los realidade - mesmo nas piores circunstâncias?

Vamos primeiro abordar as maneiras de aliviar o sofrimento cotidiano, que não é comum a todos sem nenhuma grande adversidade. Na mesma obra citada acima, Freud (Op. Cit., 1930/1992) enumera uma série de atenuantes da dor que nos permitiriam lidar com os aspectos pesados da vida: “distrações poderosas, que nos fazem dar pouco valor à nossa miséria; satisfações substitutas, que reduzem nossa miséria, e substâncias intoxicantes, que nos tornam insensíveis a elas” (p. 75). Entre as distrações, ele aponta o trabalho profissional livremente escolhido, atividade científica e ocupações prazerosas, como hobbies. Atividades que nos divertem, que concentram nossa atenção, tempo e energia, permitindo, além de um certo ganho de prazer, uma fuga momentânea de nossas tristezas.

Desde que não tenda ao excesso - vício no trabalho, em videogames, etc. -, essa é uma das melhores maneiras que temos de lidar com nosso sofrimento diário. Lembro-me de uma paciente de 26 anos, comunicadora, que era atormentada por pensamentos constantes de morte desde criança. “Não posso morrer ainda porque tenho que entregar o artigo, e em duas semanas, outro”, ela havia recentemente conseguido entrevistar cientistas proeminentes e escrever sobre eles para o jornal em que trabalhava. Isso exigia muito de seu tempo, atenção e energia, o que a mantinha muito ocupada e também lhe dava algum prazer pelo reconhecimento que estava recebendo.

Com relação às satisfações substitutas, Rosa Montero (2013) resume muito bem quando afirma: “a criatividade é precisamente isso: uma tentativa alquímica de transformar o sofrimento em beleza”. A arte em geral, e a literatura em particular, são armas poderosas contra o mal e a dor” (p.119). Freud (Op. Cit., 1930/1992) refere-se à arte e ao trabalho psíquico como desencadeadores de sensações prazerosas, que podem ser obtidas diretamente, por meio da sublimação de impulsos, por sujeitos que têm os dotes necessários para desenvolver atividades artísticas ou de pesquisa, mas também podem ser obtidas, embora com menor intensidade, por qualquer pessoa que aprecie a arte ou a busca da beleza onde quer que ela seja encontrada na natureza, nas formas e gestos humanos etc.

As substâncias intoxicantes, as drogas, o álcool e, muitas vezes, também as drogas psiquiátricas, dessensibilizam-nos para a dor, o que não é uma elaboração, resultando apenas em uma fuga momentânea das sensações de desconforto, talvez sejam uma tentativa desesperada quando não encontramos nenhum outro recurso. E o fato é que somente a presença calorosa e confiável do objeto que nos permitirá desfrutar de arte, trabalho intelectual, hobbies, passatempos e outros meios de lidar com o sofrimento. É preciso haver pelo menos um período inicial de ilusão, caso contrário, procuraremos formas mais ligadas à pulsão de morte, como os vícios.

Lembro-me de um paciente de 10 anos de idade, sem graça, bastante silencioso, que entendia muito bem o que era a COVID-19 e a quarentena. Havia migrado com sua família para fugir da crise social e política em seu país, apenas para descobrir que alguns meses depois de chegar ao Peru, a pandemia começou. Quando eu o conheci, ele estava intoxicado pela realidade, era necessário recuperar o jogo e despertar sua fantasia para que ele também pudesse recuperar sua vitalidade e sua capacidade de gerar novos vínculos significativos.

Por fim, e com desconfiança, Freud (Op. Cit., 1930/1992) coloca o amor como um paliativo para os sofrimentos da vida cotidiana, embora ele esteja disponível para todos, “nunca estamos menos protegidos contra os problemas da vida cotidiana, do que quando amamos; nunca estamos mais infelizes e desamparados do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (p. 82). Por fim, ele recomenda não confiar em uma única maneira de lidar com o sofrimento, mas fazer uso dos mais diversos recursos.

Agora, quando se trata de situações que nos colocam no limite, que nos expõem à extensão total do desamparo que é constitutivo do sofrimento parece que nenhuma das estratégias mencionadas acima é suficiente.

A essa altura, talvez a única coisa que possa nos ajudar a passar pela experiência sem perder a esperança seja a proteção de outras pessoas, sua presença calorosa e confiável, seu olhar atento e sua escuta interessada.

Vou contar três histórias de vida que me impressionaram profundamente e me permitiram pensar sobre este trabalho. São pessoas que passaram por circunstâncias extremamente adversas e foram capazes de se recuperar.

A primeira é Alice Sommer, uma pianista. Aos 39 anos, ela e seu filho foram presos e levados para o campo de concentração de Tisserant. Em uma entrevista aos 109 anos de idade, em 2013, a mais velha sobrevivente do Holocausto, ela diz:

Todos os dias da vida são lindos, lindos... Eu amo as pessoas, amo todo mundo... Senti que essa era a única coisa que me ajudava a ter esperança, esse tipo de religião, a música é Deus em tempos difíceis, você sente isso especialmente quando está sofrendo. Eu sabia que mesmo naquela situação muito difícil, há momentos bonitos em toda a nossa existência, mesmo na existência ruim. Até o ruim é bonito, eu diria... tem que ser bonito. Quando você sabe que vai tocar em um concerto à noite e os idosos, terrivelmente doentes vinham a esses concertos e se tornavam jovens novamente.

A segunda é Eva Bracamonte, hoje com 38 anos, acusada de ser a mandante do assassinato de sua mãe e injustamente presa aos 21 anos de idade em um pedido de prisão preventiva. Após quatro anos, ela foi libertada da prisão preventiva. Alguns anos depois, ela publicou um livro, *Além do muro* (2019), no qual relata algumas de suas experiências,

Entre outras coisas, ele diz que a única maneira que ele encontrou para sobreviver foi colocar uma lente que lhe permitisse ver as coisas em uma cor diferente.

Não há muitas opções, e é exatamente por isso que a felicidade está concentrada em poucos lugares... no dia em que a paila é rica, o dia em que você recebe a visita de alguém que não vê há muito tempo, o dia em que você finalmente ganha um colchão novo ou que o sol se põe em frente ao seu beiral.

Não se sente feliz? E o dia em que todas essas coisas acontecem ao mesmo tempo, como você pode não se sentir realizado... Sou grato à pessoa que eu era aos vinte e um anos, que, apesar de tudo continuou crescendo ali e que intuitivamente sabia o que tinha que fazer. Com essa pessoa que sabia como se controlar para não enlouquecer, não se tornar uma viciada em drogas e não morrer, embora muitas vezes ela desejasse isso com todas as suas forças. Com aquela que sabia como sobreviver (introdução, parágrafo 11, s/p.)

O último, menos trágico, mas mais próximo e atual do que aconteceu conosco, é sobre o ator argentino-peruano Osvaldo Cattone, que morreu em 2021, aos 88 anos, que dedicou sua vida ao teatro e dirigiu o teatro Marsano por quase 50 anos. Como resultado da pandemia, ele teve que fechar e interromper todas as atividades profissionais por mais de um ano. Em uma entrevista, um ano antes de sua morte, ele disse:

... Se eu tiver uma dívida bancária ou se tiver que pagar salários aos meus funcionários é uma preocupação, mas não me leva ao suicídio, não posso me flagelar esperando uma vacina que não chega... para sobreviver a essa pandemia, esse confinamento, essa quarentena... faço o que não podia fazer quando estava ocupado, escrevo... leio... assisto a um filme... converso com amigos... quando não posso conversar com amigos... quando eu costumava reclamar da falta de tempo, agora aproveito para fazer o que não podia fazer quando não estava ocupado. mas não vivo ansiando por uma impossibilidade... Tenho um caráter positivo e não fico deprimido facilmente porque, mesmo nos tempos em que não havia pandemia, eu me levantava todos os dias de uma maneira muito boa, acordo todos os dias de muito bom humor, durmo bem, como bem, me sinto bem... Não acho que nada de ruim possa nos acontecer, mesmo que aconteça. Tento encontrar até mesmo na tragédia um toque de comédia... Sou assim, sempre procuro o lado positivo, o que não significa que eu seja imune à dor. Eu sofro muito, meu irmão morreu recentemente, meu único irmão, foi uma dor terrível, amigos morreram, porque nessa idade todos eles estão caindo como folhas das árvores no outono, o que eu quero explicar é isso não muda seu sistema imunológico, eu não permito isso.

Os três discursos têm em comum esse tipo de negação da realidade concreta, essa determinação férrea de encontrar o agradável, o bom, o belo mesmo nas experiências mais dolorosas, mais terríveis, essa capacidade de preservar o humor e a ilusão. Como podemos entender isso? negação? repúdio? Outro aspecto compartilhado pelos protagonistas dessas três histórias é que todos eles estão protegidos em relacionamentos fortes, passam por momentos de intenso desconforto, mas são acompanhados com afeto.

Então, o que faz com que as pessoas sejam capazes de se sustentar mesmo em situações de dor extrema? Proponho que essa capacidade de preservar a ilusão a todo custo tem duas fontes ligadas a experiências afetivas profundas. A primeira, a base da confiança no mundo, são as experiências do bebê com cuidados suficientemente bons.

A segunda, fonte de resiliência, tem a ver com as pessoas que nos ajudam em momentos de adversidade, que nos apoiam e não deixam que a chama da ilusão se apagar. Isso é particularmente relevante na infância. Muitas vezes, os pais são incapazes de cuidar de seus filhos, eles lhes dão cuidados físicos, mas não conseguem lhes dar cuidados emocionais.

Nem tudo está perdido, você pode fazer muito por eles ouvindo-os, conversando com eles, brincando com eles, colocando palavras para seu desconforto. O vínculo criado com eles evitará que percam a fé no mundo e será a base que lhes permitirá superar até mesmo as condições mais adversas. Mulheres e homens que enfrentaram as situações mais difíceis e conseguiram se desenvolver com resiliência têm em comum o fato de terem tido alguém que, por meio do contato afetivo, instalou um poder para lidar com as dificuldades. Ele deixou a marca da esperança, da confiança no mundo, de que valeu a pena continuar lutando. Essa pessoa provavelmente não mudou as condições em que viviam, mas mudou suas vidas.

Há um experimento - repreensível, em nossa época, pelo abuso de animais - mas que demonstra o grande valor de pequenos gestos que instalam a esperança. Em 1957, Curt Richter (citado por Ventura, D., 2022) descobriu que alguns ratos colocados em baldes d'água podiam nadar por até 81 horas antes de morrer, enquanto outros viviam apenas alguns minutos. O mais surpreendente foi que os ratos selvagens fortes e ferozes, excelentes nadadores morriam rapidamente, enquanto os ratos domésticos sobreviviam por 40 a 60 horas. O autor ressalta que os ratos selvagens se tornaram desesperados, desistindo rapidamente, talvez por não estarem acostumados aos cuidados domésticos? De fato, em uma fase seguinte, os ratos selvagens foram retirados da água pouco antes de se afogarem, eles eram segurados e soltos antes de serem colocados de volta na água, esse gesto, que ativou a esperança de sobrevivência, fez que os ratos nadarão muito mais antes de desistir.

Vários autores teorizaram sobre a importância dos primeiros anos de vida. Winnicott (1993) indica que a mãe, ao se adaptar ativamente ao bebê, evita rupturas em seu self e cria para ele uma breve experiência de onipotência. A soma dessas experiências, repetida em momentos de necessidade, cria a ilusão de que o mundo é um lugar gentil, que ele será capaz de encontrar o que precisa no mundo exterior. Green (2014), por sua vez, também aponta que as práticas parentais em que prevalece o cuidado evitam “um excesso de frustração e, portanto, de angústia, dor, raiva... evitam provocar uma ativação descontrolada de forças destrutivas” e geram uma reserva de esperança para enfrentar possíveis adversidades (p. 297). Bion (2009) diria que a rêverie materna também evita esses excessos ao devolver à criança suas sensações primárias metabolizadas, ajudando-a a construir uma função alfa cada vez mais sólida, mais capaz de lidar com a adversidade. Trata-se, então, de um reforço objetal sólido da pulsão de vida que em certas ocasiões atuará como um fator de proteção ligando o possível aumento da pulsão de morte originado como resultado das situações mais dolorosas. Isso é o que Green chama de função de objetivação.

Benyakar (2016) argumenta que nenhuma situação é traumática por si só, mas que dependerá dos recursos psíquicos da pessoa afetada e do ambiente que pode ou não se prestar como objetos co-metabolizadores, pessoas que com sua presença calorosa e disposta ajudam a elaborar as experiências mais difíceis e a gerar vínculos transformacionais. Zuckerfeld e Zonis (2017), que estudam as vicissitudes da adversidade, também apontam que os vínculos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento resiliente, no reparo e estão correlacionados com um melhor funcionamento psicológico.

Em suma, o desvalimento é constitucional ao ser humano, o desamparo não, somente por meio dos outros, por meio de relações sólidas de vínculo construídas desde a infância é que podemos desenvolver uma reserva de esperança que será a base da fé no mundo, e são os outros que nos acolhem em momentos de adversidade que impedem que a chama da ilusão se apague mesmo quando tudo ao nosso redor parece estar desmoronando.

Gostaria de terminar com um poema de César Vallejo (1937/2018), Masa:  
*No final da batalha,  
e o lutador estava morto, um homem foi até ele  
e disse: "Não morra, eu o amo muito!"  
Mas o cadáver, infelizmente, continuou a morrer.  
Dois foram até ele e disseram:  
"Não nos deixe! Coragem! Volte à vida!"  
Mas o cadáver, ai! continuou a morrer.  
Vinte, cem, mil, mil, quinhentos mil se aproximaram dele,  
gritando: "Tanto amor, mas nada contra a morte!"  
Mas o cadáver, infelizmente, continuou a morrer.  
Milhões o cercaram,  
com um apelo comum: "Fique, irmão!"  
Mas o cadáver, infelizmente, continuou a morrer.  
Então todos os homens da terra  
o cercaram; o cadáver triste e comovido os viu;  
lentamente se sentou,  
abraçou o primeiro homem; ele começou a andar ....*

#### Referências bibliográficas

- BENYAKAR, M. (2016) Lo disruptivo que no deviene traumático. Em: Benyakar, M. Lo disruptivo y lo traumático. Vicisitudes de un abordaje clínico. Nueva editorial universitaria.
- BION, W. R. (2009). Capítulo XII. Em Aprender de la experiencia (Trad. J. L. Etcheverry, pp. 67 -76). Editorial Paidós.
- BRACAMONTE, E. (2019). Más allá del muro. Editorial Planeta.
- FREUD, S. (1930). El malestar en la cultura. Em Obras completas. Volume 21. Amorrortu Editores (1992).
- GREEN, A. (2014). La muerte en vida. Em Green, A. El pensamiento clínico. Amorrortu Editores.
- HERZ SOMMER, A. (2014, 25 de fevereiro, 25). Alice Herz Sommer. Pianista sobrevivente do Holocausto nazista. Segunda Guerra Mundial. [Vídeo] [https://www.youtube.com/watch?v=CjMYawtQbEg&ab\\_channel=SilviaJudithZlotsky](https://www.youtube.com/watch?v=CjMYawtQbEg&ab_channel=SilviaJudithZlotsky)
- STEFANONI, A. Y LÓPEZ, M. (2009). Fantasía: A Ramos el mar. Editorial Planeta.
- TUPERÚ. (2020, 26 de maio). Francamente: El placer con Osvaldo Cattone [Vídeo]. <https://www.tvperu.gob.pe/videos/francamente/el-placer-con-osvaldo-cattone>
- VALLEJO, C. (2018). Masa. Em: Poesía completa. (p.524). Editorial Planeta.
- VENTURA, D. (12 de junho de 2022). El cruel experimento científico que mostró que la esperanza no es lo último que se pierde, sino lo primero. BBC News Mundo. <https://www.bbc.com/mundo/noticias-61640074>
- WINNICOTT, D. W. (1993). La teoría de la relación madre-bebé (J. L. Etcheverry, Trad.). Em Los procesos de maduración y el ambiente facilitador (pp. 61-74). Paidós. (Trabalho original publicado em 1958).
- ZUKERFELD, R. Y ZONIS, R. (2017). Vicisitudes de la adversidad: Modelo dimensional de investigación. Em Subjetividad y Procesos Cognitivos, 21 (2) pp. 217-233. Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales.